

Análise fenomenológica da Igreja e Residência de Reis Magos

Miria Donadia Nascimento

UFES

Resumo

O trabalho analisa o sítio da Igreja e Residência de Reis Magos, uma edificação jesuítica implantada conforme as estratégias dos padres inacianos. A análise fenomenológica de uma edificação religiosa torna-se interessante porque no Brasil, durante o período colonial, exerciam papel atuante na sociedade da época. Eram nestes lugares que ocorriam o desenrolar da vida urbana. Utilizando a fenomenologia da arquitetura, serão tratados os aspectos que relacionam a obra com o lugar num contexto amplo.

Palavras-chave

Monumento histórico, fenomenologia da arquitetura, Igreja e Residência de Reis Magos.

Abstract

The work analyzes the place of the Church and Residence of Reis Magos, a religious construction implanted for the inacianos priests. The phenomenological analysis of a religious construction becomes interesting because in Brazil, they exerted operating paper in the society of the colonial period. In these places that occurred uncurling of the urban life. Using the phenomenology of the architecture, the aspects will be treated that relate the workmanship with the place in an ample context.

Keywords

Historical monument, phenomenology of the architecture, Church and Residence of Reis Magos.

1. Introdução

O trabalho pretende abordar, através de um exemplar de monumento histórico no Espírito Santo, as questões que envolvem a percepção dos ambientes nos quais as edificações se encontram, já que se tornaram representativas da imagem do lugar.

O estudo proposto será realizado pela análise do sítio onde se encontra o complexo da Igreja e Residência de Reis Magos, localizado em Nova Almeida, município da Serra/ES, construído pelos padres jesuítas em meados de 1551, sobre um monte localizado próximo a foz do rio Reis Magos. Um conjunto arquitetônico bem conservado, composto por igreja e residência, diante de uma ampla praça. Considerando a relação que o monumento histórico mantém com o lugar é que o conjunto da Igreja e Residência de Reis Magos será tratado neste estudo. Uma relação que atravessa séculos de existência, em contextos e circunstâncias diferenciadas.

O monumento histórico não é integrante de um passado esquecido, mas um sobrevivente de épocas remotas, um testemunho de um tempo que a cidade já viveu. Neste sentido, Marina Waisman alerta que o monumento histórico, enquanto edifício patrimonial, “deverá ser estudado e tratado como um complexo no qual coexistem a matéria e sua organização, os significados culturais e os valores estéticos, a memória”¹. O monumento histórico, segundo Waisman, existe na sua relação com o entorno, já que no conjunto formado surgem novos significados que inexistiam nas partes separadas.

Com relação aos significados revelados no lugar, o arquiteto Christian Norberg-Schulz relata que, embora em diversos momentos da história da arquitetura a questão do espaço fosse trabalhada, raras vezes ultrapassou o aspecto visual do ambiente. Desta forma, recomenda um método de análise da arquitetura e do lugar que se preocupe com a essência concreta e mundana das coisas, sem abstrações científicas – um ‘retorno às coisas’ e à sua materialidade.

Felizmente, há uma saída para o problema, o método denominado fenomenologia. Existem algumas obras pioneiras que, no entanto, fazem algumas raras referências à arquitetura. Uma fenomenologia da arquitetura é, portanto, urgentemente necessária.²

1 WAISMAN, Marina. El patrimonio en el tiempo. *Summa+*, Montevideu, n. 5, p. 28-33, fev./mar. 1994, p.29-30.

2 NORBERG-SCHULZ, Christian.. *Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture*. Nova York: Rizzoli International Publications, 1980, p.7.



Fachada principal
da Igreja e Residência
de Reis Magos.
Foto da autora

Norberg-Schulz enfatiza a distinção entre elementos naturais e construídos, sugerindo esta distinção como “ponto de partida” para o estudo do caráter fenomenológico do lugar. Justifica assim a utilização do poema de Georg Trakl, apresentado a seguir, onde estas duas categorias estão bem definidas.

Uma noite de inverno
 Quando a neve cai pela janela
 E os sinos noturnos repicam longamente,
 A mesa, posta para muitos,
 E a casa está bem preparada.
 Há quem, na peregrinação
 Chegue ao portal da senda misteriosa,
 Florescência dourada da árvore da misericórdia,
 Da força fria que emana da terra.
 O peregrino entra, silenciosamente,
 Na soleira, a dor petrifica-se,
 Então, resplandecem, na luz incondicional,
 Pão e vinho sobre a mesa.³

Importante observar que Norberg-Schulz, enquanto norueguês, refere-se principalmente a elementos da paisagem nórdica, fria, do inverno da Escandinávia, que servem de exemplos para outros ambientes. Afinal, “o entardecer de inverno descrito é obviamente um fenômeno nórdico, local; mas as noções implícitas no interior e exterior são universais”⁴.

O ambiente exterior, composto por elementos naturais e construídos, apresenta-se como o espaço desconhecido que o homem percorre, precisando de orientação. No ambiente externo, o autor destaca elementos naturais e outros realizados pelo homem, pão e vinho. Desta forma, a produção humana está implicitamente associada à matéria natural, uma relação homem e mundo. O ambiente interior, ao contrário do exterior, apresenta-se iluminado, caloroso e acolhedor. É na edificação que o homem recebe abrigo e será saciado.

Assim, mais que apenas espaço ou edificação, a construção surge como um lugar, oferecendo ao homem abrigo e segurança, física e psíquica. Uma possibilidade de ‘enraizar-se’, um ponto de apoio efi-

3 TRAKL, s.d., apud NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 8.

4 NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 10.

caz contra a peregrinação da espécie humana na terra. Desta forma, Norberg-Schulz enfatiza a arquitetura como capaz de construir lugares onde os significados possam ser revelados. Lugares onde os homens poderão compreender a essência que extravasa a dimensão geométrica do ambiente. Cabe à arquitetura concretizar toda esta existência.

1.1. Perda do lugar

Norberg-Schulz faz referência ao caráter do lugar que se apresenta mutável, podendo variar com o tempo: com a mudança do dia para a noite, com a mudança das estações diferentes, com o passar dos anos, com a inserção de novos elementos. Diante das necessidades humanas cotidianas em diferentes épocas, e diante também das possibilidades de mudanças que o lugar pode sofrer, surgem algumas questões pertinentes. Uma delas: “como um lugar preserva sua identidade sob a pressão das forças históricas?”. E também: “como pode um lugar adaptar-se às mudanças necessárias da vida pública e privada?”⁵.

Diante destas indagações, o autor mostra que “é possível preservar o *genius-loci* por consideráveis períodos de tempo”, mesmo submetido a “sucessivas situações históricas”⁶. Isso se torna admissível quando as alterações do ambiente são realizadas respeitando suas necessidades estruturais primárias. Compreende-se que o lugar é capaz de ‘receber’ diferentes conteúdos, mas seguramente dentro de certo limite de possibilidades que preservem sua essência fundamental. Se, entretanto, essa relação não se mantém ou se estabelece apenas no nível visual, esta relação se esvazia.

2. A igreja e residência de reis magos

2.1. A escolha do lugar

A ocupação da Aldeia de Reis Magos, segundo José Antonio de Carvalho⁷, iniciou-se em 1569, embora a fundação da igreja e do colégio só fosse se efetivar em 1580. Segundo o autor, a edificação foi construída na intenção de que os jesuítas abandonassem a Aldeia de Nossa Senhora da Conceição, em Santa Cruz, que posteriormente denominada Aldeia Velha.

5 NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 180.

6 NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 180.

7 CARVALHO, José Antonio. *O Colégio e as Residências dos Jesuítas no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1982, p. 80.

Existia em Nova Almeida uma importante missão de catequese dos jesuítas. Serafim Leite⁸ se refere a possíveis ataques indígenas ocorridos nas proximidades na Aldeia de Reis Magos, e de maneira geral, esta preocupação era constante para os padres inacianos no período colonial brasileiro. A localização e o porte da construção da igreja e residência teriam considerado um sistema de defesa eficiente contra estes ataques, e também a possíveis ataques de piratas.

Assim como grande parte das edificações da Companhia de Jesus no Brasil, a Igreja e Residência de Reis Magos é estrategicamente posicionada. Sant-Hilaire, citado por Carvalho, afirma que a mudança de Santa Cruz para Nova Almeida teria ocorrido pelo fato de que o rio que banha Santa Cruz teria maior capacidade. Consequentemente, vivia rodeada por um número relativamente grande de pessoas utilizando embarcações, dirigindo-se para o interior da capitania. Portanto, se o rio de Reis Magos permitisse a navegação de barcos menores, com menos colonos, tornava-se mais adequado.

A foz do rio foi fator preponderante na escolha do lugar para posicionar a construção. Está localizada bem próxima do encontro do rio com o mar, conforme a estratégia dos padres da Companhia de Jesus no Brasil, sobre um monte que domina a paisagem da região.

[Em] Reis Magos, os jesuítas tiveram ocasião de escolher o local que melhor lhes agradasse e, com vagar, fazer o prédio na melhor situação, como era seu costume. Assim sendo, a residência se localiza em uma elevação, a mais alta e de melhor posição estratégica da região⁹.

A partir do complexo, o observador pode ter uma vista panorâmica, alcançando grandes distâncias, e obtendo maior controle da chegada de possíveis invasores. Além disso, a Igreja pode ser vista de diversos locais em Nova Almeida, mesmo a grandes distâncias. Isto porque além de bem posicionada, nem as edificações dos arredores possuem altos gabaritos que pudessem obstruir a visibilidade, nem as localizadas na base do morro apresentam alturas elevadas que possam comprometer a imagem do conjunto.

Sobre o monte, a antiga igreja dos jesuítas encontra-se em uma das extremidades de uma praça retangular rodeada por edificações

8 LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 166-167.

9 CARVALHO, 1982, p. 113.

que ocupam as testadas de seus lotes. No caso da Igreja e Residência de Reis Magos, o adro frontal aparece de maneira a acentuar a imponência da edificação na paisagem circundante.

2.2. Horizontalidade e verticalidade

Yi-Fu Tuan (1980, p. 148) relata que na Europa, a partir do início do século XVI, o conceito de verticalidade compreendido pelo homem medieval, baseado na relação terra-céu simplificada em um eixo vertical, foi suprido por uma nova forma de concepção do mundo: “[...] aqui, ‘vertical’ significa algo mais do que uma dimensão no espaço. Está carregada de significado. Representa transcendência”¹⁰ (TUAN, 1980, p. 148). Para Norberg-Schulz, a torre sineira verticaliza a construção, apontando para o percurso da transcendência divina. Além disso, ela representava para o homem medieval a segurança garantida pela existência da igreja, associada à idéia de proteção contra os males mundanos.

O fato de a construção possuir a fachada verticalizada, ou ao menos um elemento vertical, faz com que o edifício como um todo se destaque no conjunto urbanístico. Os jesuítas adotaram o frontal triangular e a torre sineira na maioria de suas obras, elementos que verticalizam a construção, de modo a afirmar sua permanência nas terras ocupadas. Claudia Lannes relata que a grandiosidade das fachadas possuía a intenção de revelar a importância da congregação inaciana no ambiente. As fachadas das igrejas jesuíticas apresentavam “uma função definida: assinalar a presença de um edifício religioso naquele lugar. Era como que uma propaganda da ordem, [...] meio de divulgação da missão jesuítica na colônia”¹¹.

Beatriz Oliveira concorda sobre a importância de que a edificação possua altura elevada, de modo a sobressair na paisagem. “A altura sacraliza o monumento, confere-lhe poder pela proximidade do céu, pela largueza da visão. É localização estratégica no sentido religioso e também no profano: possui qualidades relativas ao sentido de poder e de conquista [...]”¹².

10 TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980, p. 148.

11 LANNES, Claudia Maria Corrêa. As igrejas jesuíticas fluminenses. In: PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. *A forma e a imagem: arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro colonial*. Rio de Janeiro: s.d, p. 201.

12 OLIVEIRA, Beatriz Santos de. *Espaço e estratégia: considerações sobre a arquitetura dos jesuítas no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Uberlândia: Prefeitura Municipal, 1988, p.36-38.



Praça diante da igreja e Residência dos Reis Magos. Foto da autora

Complexo jesuítico de Nova Almeida visto a partir da foz do rio Reis Magos. Foto da autora

Se a igreja se sobressai na altura, estar posicionada em uma das extremidades do pátio externo também permite que esta se sobressaia na imagem do lugar. A dimensão horizontal acentuada da praça diante de si permite que a Igreja e Residência de Reis Magos se destaque no ambiente. É certo que as palmeiras implantadas na década de 1940 também são elementos verticais, mas por conta de sua esbelteza, não chegam a competir com a edificação religiosa.

Em termos de verticalidade, o elemento mais destacado de todo o conjunto é a torre sineira. Possui cúpula em meia laranja, modelo encontrado em várias construções dos padres inicianos no Brasil. Segundo Lucio Costa¹³, quando era construída a primeira torre de uma igreja colonial, já se tinha em mente onde seria posicionada a segunda torre. A Igreja e Residência de Reis Magos parece não ter seguido a regra, já que a segunda torre não foi construída. No entanto, a fachada apresenta-se equilibrada justamente pelo elemento vertical ao centro, sugerindo que a possibilidade da existência de uma segunda torre pudesse contrabalançá-la.

2.3. Portas e soleiras que dividem mundos

As considerações realizadas por Norberg-Schulz ao tratar da fenomenologia da arquitetura, “interior” e “exterior” referem-se basicamente aos espaços que relacionam o “dentro” e “fora” da edificação. Para ele, a soleira da edificação torna-se elemento fundamental, pois é nela que o limite é concretizado: “uma soleira separa o exterior do interior”¹⁴. Neste sentido, a porta aparece como uma fronteira que, além de permeável a luz e ar como a janela, convida a ‘ultrapassar’ o limite exterior-interior, e vice-versa. Como limite entre duas polaridades, interno e externo, público e privado, natural e construído, a ‘soleira’ carrega um significado particularmente importante.

A relação interior-exterior é compreendida de maneira mais clara quando considerada sua situação em relação às portas das edificações. Ao contrário das janelas, as portas oferecem a possibilidade de ultrapassagem deste limite, conceito fundamental para a compreensão de como a edificação se relaciona com o ambiente externo a ela.

Os acessos permitidos atualmente para o interior da Igreja e Residência de Reis Magos são voltados para a praça, com exceção

13 COSTA, Lucio. A arquitetura dos jesuítas no Brasil. *Revista do Sphan*. Rio de Janeiro, 1941, pp. 9-103.

14 NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 9.

apenas de uma porta lateral da igreja. O acesso principal à igreja se dá pela porta maior, mais destacada na fachada da edificação. Como um portal que divide dois mundos distintos, o sagrado e o profano, a porta se encontra emoldurada por um pórtico de pedra, diferentemente da entrada para a residência, de portada simplificada.

A porta de entrada da igreja não possui esta soleira destacada. Enquanto que a porta da residência é destacada pela soleira fortemente marcada, no piso, onde a terra e a questão mundana prevalecem; a porta de entrada da nave da igreja é destacada pelo portal em pedra, trabalhado principalmente na porção superior, voltado para o céu e enfatizando a divindade.

Além disso, é interessante notar que existe uma região em semicírculo calçada ao redor da porta da residência foi construída com técnica e materiais semelhantes ao que foi utilizado para a construção das fundações de uma antiga edificação anexa ao complexo, descoberta nos últimos anos. Desta forma, parece que a soleira apresentada provavelmente não foi construída recentemente e, sendo assim, há muito tempo já demarcava a entrada da residência.

2.4. Janelas que se abrem para a paisagem

Sobre os espaços da própria edificação, é na proporção entre paredes e janelas das fachadas que a ‘densidade’ da construção é definida – a relação entre cheios e vazios. “Os tipos básicos da abertura dependem da conservação ou dissolução da continuidade do limite. Em todo caso, o resultado é determinado pelo tamanho, forma e distribuição das aberturas.”¹⁵

As janelas são tratadas como interseções de interior e exterior. É o elemento construído que integra os dois ambientes, trazendo luz e ar fresco para o interior. Se por um lado as paredes interrompem a continuidade visual do espaço, as janelas, assim como as portas, ampliam o horizonte de quem observa do interior, possibilitando a contemplação da paisagem. A dimensão visível do espaço através da esquadria torna-se, sim, parcialmente fragmentada, já que há um limite de observação – direção e ritmo são alterados. No entanto, a possibilidade de contemplação persiste. É importante ressaltar que, atento às possibilidades de abertura que a janela oferece, Norberg-Schulz acrescenta que ela mantém a capacidade de limitar o espaço. Por outro lado, a janela permite apenas a contemplação, uma atitude passiva diante do cenário além do recinto.

¹⁵ NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 177.

A porção da fachada principal que corresponde a Igreja de Reis Magos, em termos gerais, possui melhor acabamento que o restante da edificação. As janelas do coro da igreja também são diferentes das janelas da residência, enobrecidos, enquanto que as janelas da residência possuem apenas o marco de madeira em seu contorno. A respeito da ornamentação da fachada que corresponde ao corpo da igreja, nos diz Oliveira:

Nas fachadas das construções jesuíticas brasileiras apenas a igreja sobressai. É colocada sua importância no corpo da Companhia como a casa de Deus, ou seja, do Grande Pai [...]. Permite-se então decorá-la, variar suas formas e aberturas e diferenciá-la do resto. As outras partes, colégio e residência, conservam a sobriedade e uniformidade arquitetônicas para dar lugar de destaque à igreja [...]. Há uma evidência dos graus de importância sem a perda da unidade visual do conjunto¹⁶.

As janelas da porção posterior da construção, bem como da lateral direita, estão voltadas para a Praça dos Pescadores e o mar, proporcionando encantamento diante da paisagem. Se pelo lado estratégico de defesa o extenso panorama representava a vigilância da chegada das embarcações, a admiração da paisagem pelas janelas da residência permitia a meditação dos religiosos confinados diante das maravilhas criadas por Deus.

Considerando a proporção de cheios e vazios, edificação da residência dos jesuítas foi construída com espessas alvenarias externas de pedra, com poucas aberturas. Assim, vista externamente, a construção apresenta-se como um bloco robusto, maciço e encorpado, onde pouco se pode desvendar de seu interior.

Vista da face interna, as sólidas paredes estabelecem o limite claro entre exterior e interior. Os poucos vãos de luz destacam-se como poucas possibilidades de interação, onde apenas a relação de visibilidade é sugerida. A relação é estritamente visual, contemplativa, passiva. Se por um lado as construções inacianas são construídas em meio aos povoados, em posições privilegiadas que garantem boa visão e controle do território, estrategicamente posicionadas; por outro garantem a reclusão e isolamento de quem observa o exterior situado em suas instalações.

16 OLIVEIRA, 1988, p. 59.

3. Considerações finais

Para Norberg-Schulz, quando o homem constrói segundo as possibilidades de compreensão do lugar, ergue não somente estruturas desprovidas de conteúdo, mas sim a reunião dos sentidos existentes. Assim, a arquitetura pode ser compreendida como entidade organizadora do espaço, transformando-o em lugar. É o sentido humano que possibilita esta articulação. Desta forma, um mundo carregado de significados é criado na sua construção, que se adicionam a outras particularidades com o passar do tempo. A materialidade da arquitetura é que garante a criação e continuação do processo de assimilação de conteúdo simbólico, da permanência do lugar.

Sendo assim, a fenomenologia da arquitetura, permitindo compreender a essência e os significados do lugar a partir das edificações e demais estruturas existentes, se apresenta de maneira bastante adequada à análise de edificações históricas. Considerando a carga simbólica que o monumento histórico carrega consigo, a proposta de análise sensorial, procurando abranger a singularidade de cada elemento, torna-se fundamental para a compreensão da edificação, bem como do sítio em que se localiza.

A experiência de pesquisa adotada para a análise da Igreja e Residência de Reis Magos torna-se possível em inúmeras edificações, monumentos históricos ou não. Uma infinidade de estudos pode abranger residências, locais de trabalho, instituições, enfim, um sem número de obras de arquitetura onde o homem possa se “*sentir em casa*”. Além disso, a edificação revelou-se bastante integrada com o propósito de sua construção (a ocupação do litoral e catequese dos índios) e com o lugar escolhido para sua localização (uma esplanada sobre uma colina, próxima a foz de um rio). O ambiente é único, coeso, e a arquitetura concretiza este sentimento.